

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.

KARINA PEREIRA MACHADO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSEUS:  
MAE – MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR.**

CURITIBA  
2014

KARINA PEREIRA MACHADO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSEUS:  
MAE – MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia no curso de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profª Dr. Ana Claudia Urban

CURITIBA  
2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**KARINA PEREIRA MACHADO**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSEUS:  
MAE – MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia no curso de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Claudia Urban  
Orientador – Departamento de Teoria e Prática de Ensino – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Nádia Gaiofatto Gonçalves  
Departamento de Teoria e Prática de Ensino – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 14 de novembro de 2014.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a minha família, por todo o apoio durante estes cinco anos de mais um curso de graduação, que espero que seja o último.

À minha orientadora, Professora Ana Claudia Urban, por todo acompanhamento, apoio e motivação nos momentos de angústias e dúvidas.

A toda a equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR pela disponibilidade da pesquisa, em especial aos bolsistas da Ação Educativa, a coordenadora Andréia Baia Prestes e ao Sr. Francisco Eusio, por todo apoio durante o processo do trabalho, colaborando com informações, se prontificando a ajudar no que fosse necessário.

E em especial a minha “chefa”, por me ajudar nas últimas semanas antes da conclusão do trabalho, aceitando meu afastamento das atividades diárias do MAE.

*“Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa, tudo sempre passará.  
A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito.  
Tudo que se vê não é  
Igual ao que a gente viu há um segundo.  
Tudo muda o tempo todo no mundo.  
Não adianta fugir  
Nem mentir pra si mesmo agora  
Há tanta vida lá fora.  
Aqui dentro, sempre  
Como uma onda no mar...”*

*“Como uma onda (zen surfismo)”,  
Lulu Santos & Nelson Motta*

## RESUMO

O presente trabalho monográfico diz respeito às práticas educativas em museus. O seu objeto de investigação são as Ações Educativas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), mais especificamente a Sala Didático-Expositiva, que se localiza no Prédio Histórico da Universidade em Curitiba, e atende visitantes e instituições de ensino. Para tal, os objetivos partem da observação sobre as práticas educativas, seus materiais e atividades lúdico-pedagógicas existentes. Para a análise destas práticas, foram realizadas pesquisas bibliográficas, sendo utilizados textos, artigos científicos e teses, de autores como Cynthia Iszlaji, Martha Marandino, Natalia Leporo, Guaracira Gouvêa, que apontam para reflexões sobre as temáticas em questão. A pesquisa de campo, na Sala Didático-Expositiva, teve o intuito de verificar os materiais e objetos existentes, pesquisar documentos, as fichas de avaliação e o livro de visita, conjuntamente com o levantamento de dados por meio de entrevistas, com os bolsistas e com a coordenadora do setor. Finalizando com a observação de cinco escolas municipais durante o mês de Agosto, observações estas que se realizaram por meio de acompanhamento das visitas guiadas e das oficinas realizadas pelos monitores, com o intuito de verificar a existência das práticas e suas colaborações para a ampliação dos conhecimentos dos visitantes (alunos). Diante das pesquisas bibliográficas e de campo, o trabalho revela a importância da implantação de ações educativas e propostas pedagógicas que aproximam os objetos e conhecimentos do museu para o cotidiano do visitante e na formação dos estudantes.

Palavras-Chave: Educação não-formal, Museus, Práticas pedagógicas, Ações Educativas.

## ABSTRACT

This monograph talks about of the educational practice in museums. The object of investigation are the Educational Activities of the Museum of Archaeology and Ethnology of the University Federal of Paraná (MAE-UFPR), more specifically, Expository Teaching Room, located in Building History of the University in Curitiba, and meet visitors and educational institutions. For this, the objectives depart observation about educational practices and materials and existing playful activities. For analyzing these practices, literature searches, texts, scientific papers, authors like Cynthia Iszlaji, Martha Marandino, Natalalia Leporo, Guaracira Gouvea, pointing to reflections on the issues in question. The field research, in Expository Teaching Room, aimed to verify the existing materials and objects, research documents, evaluation sheets and guestbook, together with the collection of data through interviews with trainees and with the coordinator of the sector. Ending with the observation of five municipal schools during the month of August, that these observations were conducted by monitoring the guided tours and workshops conducted by the monitor, in order to verify the existence of the practices and their contributions to the expansion of knowledge visitors (students). Faced with literature searches and field work reveals the importance of deploying educational and pedagogical proposals that bring the objects and knowledge of the museum for the everyday visitor and training of students.

Keywords: Non-formal education, Museums, Pedagogical practices, Educational Activities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – CAIXA PARANÁ.....	24
FIGURA 2 – CONTOS INDÍGENAS E NARRATIVAS TRADICIONAIS .....	25
FIGURA 3 – CONTOS AFRICANOS. ....	26
FIGURA 4 – JOGO DE RPG, DESENVOLVIDO PELA EQUIPE MAE .....	26
FIGURA 5 - VISITA DE JOVENS COM DEFICIÊNCIA NEURO-MOTORAS.....	27
FIGURA 6 - VISITA DO INSTITUTO PARANAENSE DE CEGOS .....	27
FIGURA 7 – VISÃO DOS ESPAÇOS DA SALA. ....	28
FIGURA 8 - ALUNOS OBSERVANDO O EXPOSITOR INDÍGENAS DO PARANÁ. ....	32
FIGURA 9 – EXPOSITOR DAS CERÂMICAS.....	33
FIGURA 10 – OBJETOS WAUJA.....	34
FIGURA 11 – ESCULTURA DESENVOLVIDA PELOS ALUNOS.....	34
FIGURA 12 – ALUNOS DURANTE A EXECUÇÃO DA OFICINA. ....	35
FIGURA 13 – BRINCO, RESULTADO DA OFICINA .....	35
FIGURA 14 – BONECAS REPRESENTANDO ALGUMAS ETNIAS INDÍGENAS .....	36
FIGURA 15 - CARIMBOS IMITANDO PINTURAS CORPORAIS .....	36
GRÁFICO 1 - TOTAL DE VISITAS, DE 2010 A 2014* .....	37
GRÁFICO 2 - Nº DE VISITANTES DE ACORDO COM AS CATEGORIAS.....	38
GRÁFICO 3 – DADOS TOTAIS DE 2010 A 2014, DAS VISITAS.....	38
GRÁFICO 4 – NÚMEROS DE ALUNOS ATENDIDOS, DE 2010 ATÉ 2014.....	39
GRÁFICO 5 – TOTAL POR ANO DE EMPRÉSTIMO DAS CAIXAS DIDÁTICAS.....	40

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. EDUCAÇÃO .....	12
2.1 Museus e a Educação.....	14
3. MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA.....	21
3.1 Histórico .....	21
3.2 Ação Educativa .....	22
3.2.1 Caixas Didáticas e outros materiais do MAE .....	23
3.3 Sala Didático-Expositiva do MAE.....	28
4. OBSERVAÇÕES.....	30
4.1 Visita guiada.....	31
4.2 Oficinas .....	33
5. REFLEXÕES.....	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS.....	47

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Leporo e Dominguez (2009) visitar museus e outros espaços culturais com crianças tem se tornado uma prática constante de famílias e de muitas instituições de ensino, e essas visitas apresentam-se como uma boa possibilidade de passeios interessantes e prazerosos, tanto para os adultos, quanto para as crianças.

Os museus, independentes da sua temática, se destacam como importantes espaços de educação não-formal, pois segundo Marandino, Gouvêa e Amaral (2003) estes espaços iniciam as crianças nos termos e conceitos, motivam a partir da observação e manipulação de objetos, ampliando a bagagem e repertório cultural, além de proporcionar formas diferenciadas de aprendizagem.

A maioria dos museus, de acordo com Pacheco (2010) é pensada como locais exclusivos de exposição e não de produção do conhecimento. Esses lugares acabam por ser vistos como locais para uma visita passiva e não para uma interação ativa por parte do público.

Pensando em mudar um pouco esta situação, alguns museus vêm desenvolvendo ações que buscam aproximar o público ao que se está visitando, fazendo com que este conhecimento vá para além dos “muros dos museus”.

Partindo deste ponto, este trabalho tem como objeto de investigação as Ações Educativas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), mais especificamente a Sala Didático-Expositiva, que se localiza no Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná, e que atende visitantes e instituições de ensino de toda a região da Grande Curitiba.

A escolha desta temática se deve à observações realizadas durante o Projeto de Extensão (2012-2014), realizado no MAE-UFPR, onde verificou-se a existência de projetos voltados à Ação Educativa, que desenvolve jogos, atividades lúdicas, oficinas, materiais de apoio, para serem aplicados em suas

sedes ou em instituições de ensino, assim como de trabalhos e elaboração de materiais capazes de estabelecer um canal de comunicação efetivo entre o museu e o seu público alvo.

Os objetivos partem de uma observação sobre as práticas educativas existentes na Sala Didático-Expositiva, sendo desmembrada para uma análise destas ações, principalmente para as realizadas com instituições de ensino, com o intuito de observar: quais são as ações educativas desenvolvidas? Qual o público alvo? Quais profissionais atuam nas práticas educativas?.

Na Sala Didático-Expositiva do MAE, também se observou as estruturas físicas e organizacionais do museu, levantando-se dados sobre a sua demanda (público visitante), averiguando o planejamento e desenvolvimento das práticas e materiais educativos.

A metodologia utilizada contou primeiramente, com um levantamento bibliográfico com o objetivo de aprofundar o conhecimento na área de estudo, e para isso foram utilizados textos, artigos científicos, de autores como Cynthia Iszlaji, Martha Marandino, Natalalia Leporo, Guaracira Gouvêa, que falam sobre as temáticas em questão: educação em espaços não escolares, relação educação e museus, e a função educativa do museu.

Seguindo para uma pesquisa de campo, na Sala Didático-Expositiva do MAE, onde foi realizada uma verificação dos materiais e objetos existentes, pesquisa documental, assim como das fichas de avaliação e do livro de visita, conjuntamente com o levantamento de dados por meio de entrevistas, com os bolsistas e com a coordenadora do setor, a antropóloga Andréia Baia Prestes.

Finalizando com a observação de cinco escolas durante o mês de Agosto, observações estas que se realizaram por meio de acompanhamento das visitas guiadas e das oficinas realizadas, com o intuito de verificar as existência das práticas e suas colaborações para a ampliação dos conhecimentos dos visitantes (alunos).

Desta maneira, o presente trabalho foi dividido em 5 seções, onde a primeira trata da educação, mais especificamente dos espaços de educação não formal, sendo subdividida para museus e a educação. A segunda seção traz o objeto de estudo – Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, com seu histórico, espaços e projetos. Na terceira, há descrição das observações

realizadas durante as visitas guiadas e oficinas, partindo para a quarta seção onde estão as reflexões obtidas, encerrando com as considerações finais.

## 2. EDUCAÇÃO

A educação pode ter vários significados, diversas compreensões, pois em linhas gerais, ela faz parte de vários espaços, ou seja, pode ocorrer na rua, na igreja, na família, espaços comunitários, pelos meios de comunicação entre outros, o que torna este campo educativo bastante vasto, assim como confirma o Art. 1º da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB 9394/96), no Título I, que se refere à Educação:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LEI DE DIRETRIZES E BASE nº 9394, de 20 de dezembro de 1996).

Seguindo pela mesma linha de pensamento, Gadotti (2005), apresenta a educação como sendo,

[...] um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todo ser humano como condição necessária para ele usufruir de outros direitos constituídos numa sociedade democrática. (GADOTTI, 2005, p. 1).

Já educação, enquanto forma de ensino-aprendizagem, é adquirida ao longo da vida dos cidadãos e, segundo alguns autores (Gohm, 1999, Colley, Hodkinson & Malcolm, 2002 *apud* Vieira, Bianconi & Dias, 2005), pode ser dividida em três diferentes formas: educação escolar formal desenvolvida nas escolas; educação informal, transmitida pelos pais, no convívio com amigos, em clubes, teatros, leituras e outros, ou seja, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos; e educação não-formal, que ocorre quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escolar.

Assim, a educação não-formal pode ser definida como:

“a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido.” (VIEIRA, BIANCONI & DIAS, 2005, p.21).

A educação não-formal estendeu-se de forma impressionante nas últimas décadas em todo o mundo como “educação ao longo de toda a vida” (conceito difundido pela UNESCO), “englobando diversas formas de aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver”. (Gadotti, 2005, p. 3). Nos últimos anos, diferentes autores vêm apontando a ampliação dos espaços de educação para além da escola.

Hoje existem distintos locus de produção da informação e do conhecimento, de criação e reconhecimento de identidades e de práticas culturais e sociais. Percebe-se assim a caracterização de diferentes “ecossistemas educativos”; novas linguagens de produção de conhecimento, de espaços e de tempos devem ser reconhecidos, promovidos e necessários para formação de cidadania ativa na sociedade (CANDAU, 2000, *apud* SOTO, 2008, p. 14).

Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. “O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um”. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (Gadotti, 2005, p.2).

De acordo com Gouvêa *et al* (2001) os conteúdos apresentados são flexíveis, contendo diferentes dimensões e são organizados de forma seqüencial, mas “não similares àquela apresentada pelos conteúdos programáticos escolares”, podendo ser ministrados de diversas formas, respeitando as demandas sociais. As atividades ocorrem em “situações pouco formalizadas, com seqüências cronológicas diferenciadas e o tempo de aprendizagem não é fixo”. O espaço onde ocorre a educação não formal é

“criado e recriado, segundo os modos de ação previstos nos objetivos maiores e nas vivências promovidas pela socialização”. (GOUVÊA *et al.*, 2001, p.170)

Um dos espaços mais comuns que “possuem” uma educação não formal, conforme Vieira, Bianconi & Dias (2005), são os museus e centros de ciências, ambientes que são essenciais para estimular a curiosidade dos visitantes. Estes espaços oferecem a oportunidade de suprir, ao menos em parte, algumas das “carências da escola como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais, entre outros, conhecidos por estimular o aprendizado”. (VIEIRA, BIANCONI & DIAS, 2005, p.21)

## 2.1 Museus e a Educação

Constantemente a palavra museu é associada a tudo o que é velho, ultrapassado, sem vida, mas seu conceito tem sido discutido, conforme afirma Soto (2008), com mais afinco nos últimos 50 anos, quando as associações e sociedades museísticas, impressionadas com as perdas decorrentes da última grande guerra, iniciaram discussões sobre os critérios de classificação dos museus.

Originária do grego *mouseion*, templo das musas, a palavra museu teve seu significado modificado através dos tempos, pois como explica Suano (1986, p. 10):

Na Grécia, o *mouseion*, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado, sobretudo, para o saber filosófico. As musas, na mitologia grega, eram as filhas que Zeus gerara com Minemosine, a divindade da memória. As musas, donas de memória absoluta, imaginação criativa e presciência, com suas danças, músicas e narrativas, ajudavam os homens a esquecer a ansiedade e a tristeza. O *mouseion* era então o local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências.

No Egito sob Ptolomeu I (século III a.C.), a palavra *mouseion* indicava um local de discussão e ensino do saber existente, aproximando-se assim do sentido atual da universidade. Durante o século XVII, coleções de curiosidades,

difundidas por toda a Europa, recebem o nome de museu, gabinete de curiosidades ou câmara de curiosidades. Nesses locais, encontravam-se quadros, esculturas, livros, instrumentos científicos, objetos vindos das novas terras descobertas, peças do mundo natural, curiosidades em geral. (SUANO, 1986).

O primeiro museu público, entendendo-se este “público” como sendo de acesso livre à pesquisadores, artistas, estudiosos, membros da nobreza, pessoas convidadas, mas não o povo em geral, o *Ashmoleum Museum*, é aberto em 1683 na Inglaterra. No século XVIII, com a Revolução Francesa, os museus abriram definitivamente as portas ao público em geral, surgindo os grandes museus nacionais voltados para a educação do povo. No Brasil, D. João VI cria, nos moldes europeus, o Museu Real, hoje Museu Nacional, com uma coleção de história natural.

As conceituações e as funções dos museus foram sendo modificadas ao longo do tempo, pois,

[...] durante muito tempo, os museus foram vistos como espaços fúnebres em que a cultura tradicional se conservaria solene e tediosa, curvada sobre si mesma. “Os museus são o último recurso de um domingo de chuva”, disse Heinrich Böll. Desde os anos 60 o intenso debate sobre sua estrutura e função, com renovações audazes, mudou o seu sentido. Já não são apenas instituições para a conservação e exibição de objetos, nem tampouco fatais refúgios de minorias. (CANCLINI, 2008, *Apud* SANTOS, 2010, p.22).

O primeiro conceito "universal" foi proposto apenas em 1989, através da 16ª Assembleia Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM) realizada na Holanda, conceito este que vem sendo atualizado, chegando a 2007 com a seguinte definição:

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, à serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e de seu meio ambiente com fins educacionais e de deleite. (ICOM, 2007)

Outros conceitos nacionalmente atribuídos ao museu podem ser encontrados no Art. 1º do Estatuto de Museus (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009) e no site do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (ESTATUTO DE MUSEUS, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009).

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. (IBRAM, 2014).

São considerados museus, portanto, “diversos tipos de instituições, incluindo sítios e monumentos naturais e arqueológicos, aquários, jardins botânicos e zoológicos, parques, centros culturais, centros de ciências, planetários”, entre outras. (MARTINS *et al*, 2013, p.12)

Partindo da definição do Conselho Internacional de Museus e da Lei Nacional nº 11.904, assume-se que uma das finalidades destes espaços museais é educacional, assim como afirma Sturdart (2004),

Uma das funções centrais do museu é a educação. Este se caracteriza por ser um espaço de educação não formal, que tem como objeto de trabalho o bem cultural. O objetivo da educação em museus, assim como da educação em um sentido amplo, é oferecer possibilidades para a comunicação, a informação, o aprendizado, a relação dialética e dialógica educando/educador, a construção da cidadania, e o entendimento do que seja identidade (2004, p. 37).

Entretanto este pensamento só começou a se destacar durante o século XIX, onde, conforme Bruno (2006, p.123), ocorreu a ampliação das atividades educacionais e do uso dos espaços museológicos para as ações pedagógicas. Dentro desse mesmo contexto, Denise Studart (2006), afirma que as ideias educacionais de Pestalozzi e de Froebel, no século XIX, influenciaram

o nascimento de museus para crianças nos Estados Unidos, no ano de 1899. A autora garante que outros pensadores, como Dewey e Montessori, influenciaram as ações educativas dos museus referentes às crianças, primeiramente nos EUA, depois na Europa, nos primórdios do século XX.

No Brasil, as “idéias do uso educacional do museu” atingiram o Brasil ainda nos anos 30, através de “estudiosos da geração do educador Anísio Teixeira e que como ele trabalhava dentro do conceito da Escola Nova”<sup>1</sup> (SANTOS, 2010, p. 52).

No que concerne à ação educativa, Ana Mae Barbosa (2009, *apud* SANTOS, 2010, p. 56) afirma que foi na década de 1990 que muitos museus criaram seus serviços educativos. Segundo esta arte-educadora, uma das razões para essa atenção sobre o setor educacional está imbricado com as mega exposições “que permitiram descobrir que as escolas são públicos mais numerosos nesses eventos e, portanto, inflam as estatísticas e ajudam a mostrar grande número de visitantes aos patrocinadores”. (SANTOS, 2010, p.56).

De acordo com Iszlaji e Marandino (2011) no Brasil ainda não existe especificamente um “Museu das Crianças” como é visto internacionalmente, mas existem museus de diversas tipologias (artes, história, ciências, botânica, robótica, etc.) que desenvolvem exposições e atividades educativas voltadas para esse público.

Dessa forma, conforme Cazelli, *et al* (2003, *apud* Iszlaji & Marandino, 2011), tanto a pesquisa quanto as práticas educacionais relacionadas às exposições e as diversas atividades em museus têm se intensificado, ao longo dos anos, tornando-se cada vez mais um campo de produção de conhecimento principalmente com relação ao público que visita estes locais.

Portanto os museus, conforme as atividades e as pesquisas, foram se intensificando, melhorando a comunicação com seu público, passando a ser cada vez mais compreensíveis para as pessoas, de modo geral, introduzindo

---

<sup>1</sup> Conhecido também como escolanovismo, opõem-se a escola tradicional, por esta ser rígida e voltada para a memorização dos conteúdos. “Os pedagogos Feltre, Basedow e Pestalozzi são os precursores da escola nova, à medida que introduzem métodos ativos de educação e têm em vista também a formação global do aluno”. (ARANHA, 1996, p.172).

legendas, textos e objetos interativos de fácil compreensão e que auxiliam no entendimento das peças expostas. (ISZLAJI, 2012)

As exposições, de acordo com Martins (2013), começaram a “ser concebidas a partir de objetivos, que levavam em consideração *o que, como e para quem comunicar*.” Partes do acervo passaram a ser selecionadas de acordo com os objetivos desejados. A forma de expor os objetos voltou-se à utilização de cenários, ambientações e outros artifícios de comunicação (MARTINS, 2013, p.16).

Dentro dessa perspectiva, de entender o museu como um espaço de comunicação e de educação, a museóloga Maria Célia Santos (2008, *apud* SANTOS, 2010) compreende a dimensão do museu relacionada também às ações de pesquisa, educação e de preservação, enfim, como um fórum de debates em constante movimento.

A mesma autora também considera de extrema importância a interação entre essas instituições – museu e escola -, pois o museu tem, um compromisso com o processo educacional, seja ele formal ou informal, devendo a escola também “participar e interagir com a comunidade onde está inserida”. Essa interlocução entre escola e museu “amplia a formação cultural de crianças, de jovens e de outros sujeitos sociais” que experimentaram o espaço museal. (SANTOS, 2008, *apud* SANTOS, 2010, p. 53).

O museu pode, conforme afirma Soto (2008, p.13) comprometer-se com o processo educacional, desempenhando uma ação cultural, pois suas ações,

[...] não estão vinculadas somente às atividades programadas para alunos e professores, mas podem ser buscadas e entendidas desde o momento em que é estabelecido o roteiro de uma exposição, apresentado os objetos, elaborados textos e etiquetas - que não devem ser responsáveis somente pela apresentação de um conteúdo (que será acumulado), mas que devem suscitar a criatividade, o questionamento, a reflexão crítica e a busca de um novo fazer, o que se caracteriza em ato educativo (SANTOS, 1990, *apud* SOTO, 2008, p.13).

Com base nos trabalhos de Santos (1987; 2008, *apud* SANTOS, 2010), no campo da museologia e da educação, destaca-se a importância que ela

atribui à integração entre museu e escola, considerada como uma práxis na qual,

[...] a ação “museu, escola e comunidade” deve se dar a partir da construção do conhecimento em sala de aula, tomando como referencial o patrimônio cultural local (o bairro e o colégio) em suas dimensões de tempo e espaço, na dinâmica do processo social, e sua relação com o País e o mundo (SANTOS, 2008, *apud* SANTOS, 2010, p.51)

Os museus são as “únicas instituições que abrigam objetos sem a intenção de comercializá-los”. O conhecimento contido nestes espaços está ligado ao concreto. As exposições tornam esse conhecimento visível para o visitante e “é tarefa do educador de museu (monitor, guia) ajudar o visitante a usar habilidades do seu cotidiano”. (SOTO, 2008, p.23).

Em pesquisa realizada por Cazelli et al (1998, *apud* SOTO, 2008), ao analisar os objetivos dos professores ao buscar os museus, verificou-se que esta procura está relacionada, primeiramente, com uma alternativa à prática pedagógica, já que entendem esta instituição como um local alternativo de aprendizagem. Em segundo lugar, os professores consideram a dimensão do conteúdo científico, chamando atenção para o fato de que os temas apresentados no museu podem ser abordados de uma forma interdisciplinar ou enfatizando a relação com o cotidiano dos estudantes. Alguns professores, em menor quantidade, se preocupam com a ampliação da cultura como objetivo da visita. (SOTO, 2008, p.17)

Entretanto é comum encontrar crianças e jovens em um museu, com seus professores, “percorrendo as salas onde estão expostos variados objetos em vitrinas com iluminação atrativa” (BITTENCOURT, 2007 *apud* COSTA, 2012, p.4). Uma atividade educativa dessa natureza sempre fica a indagação sobre o que efetivamente se aprende nessas visitas, que demandam preparação e envolvimento dos docentes e da comunidade.

A escola, segundo Compagnoni (2009, p 25) não deve encarar o museu como um “lugar de passeio”, transformando os alunos em “plateia”, que estaria ali para ver como estão guardadas as coisas antigas, e sim olhar o museu como lugar dos objetos, entendendo que, conforme Ramos (2004),

[...] a educação museológica deve formar um cidadão crítico, e que a criança/aluno, antes de ir ao museu, deve receber uma preparação na escola, na aula, pois esta é necessária para entender a linguagem e a história dos objetos, bem como a própria história, pela história dos objetos. Assim, é possível pesquisar e olhar o museu como espaço da educação histórica, capaz de construir uma consciência sobre o tempo, de atuar como um formador da consciência histórica. (RAMOS, 2004, *apud* COMPAGNONI, 2009, p.26)

Além do fato, que a maioria das crianças, adolescentes e jovens chega aos museus (muitas vezes pela primeira vez) pela mão das escolas, fazendo com que a visita assuma uma importância ainda maior na desmistificação e “construção de uma relação com a instituição museológica, uma relação simultaneamente educacional e vivencial, com o objetivo de formar” (RÜSEN, 2001, *apud* COMPAGNONI, 2009, p. 28).

Sendo necessariamente pelo fato do museu não ser uma sala de aula, ou um espaço da escola, que segundo Nascimento (2005, *apud* Costa, 2012, p.2), ele carece de novos olhares, “de pesquisas sobre as práticas educativas que ele propõe e que também são efetuadas pelos professores/escolas que a eles visitam”.

### 3. MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Nesta seção, será apresentado brevemente o histórico do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, assim como a descrição do Setor de Ações Educativas e Inclusivas, partindo para a apresentação da Sala Didático-Expositiva, seus materiais e projetos desenvolvidos.

#### 3.1 Histórico

Para a presente seção, a pesquisa contou com o aporte de dados retirados do site oficial do Museu<sup>2</sup>, informações presente no Guia para Professores, além de entrevista realizada com a coordenadora do Setor - Ações Educativas, a antropóloga Andreia Baia Prestes<sup>3</sup>.

O Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE) foi inaugurado em 1963 e é o primeiro museu universitário do Estado do Paraná. Sua sede principal está localizada no município de Paranaguá – região litorânea do Estado, nas instalações do prédio que abrigou o antigo Colégio dos Jesuítas, fundado em 1755.

O prédio sede do MAE foi transferido para a guarda da UFPR em 1958. Além desta sede em Paranaguá, o museu possui sua Reserva Técnica instalada no Campus Juvevê em Curitiba e uma Sala Didático-Expositiva, inaugurada em outubro de 2009, localizada no Prédio Histórico Central da UFPR.

A Reserva Técnica é a unidade de tratamento, pesquisa e planejamento museológico e a Sala Didático-Expositiva uma unidade destinada à prática das ações educativas do MAE, nela está montada uma exposição didática sobre os temas de referência do museu.

---

<sup>2</sup> Site oficial do MAE. Disponível em <http://www.proec.ufpr.br/links/mae.htm>

<sup>3</sup> Bolsista CAPES CNPQ até julho de 2011, permanece trabalhando como colaborador sem vínculo empregatício na Coordenação do Setor de Ações Educativas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná MAE UFPR, atuando no desenvolvimento de ações educativas e inclusivas no espaço museológico.

O MAE possui, atualmente, um acervo de aproximadamente 80.000 objetos e imagens relacionados às culturas da América, com ênfase para o Brasil. Trata-se de adornos, armas, cerâmicas, pinturas, plumárias, vestimentas, utensílios domésticos e rituais, instrumentos musicais e de trabalho, fotografias, filmes, entre tantos outros.

Esses objetos recontam histórias que foram criadas ao longo do tempo, desde a pré-história até nossos dias, e são resultados de pesquisas desenvolvidas por professores e pesquisadores vinculados à Cátedra de Antropologia da UFPR, posterior Departamento de Antropologia, desde os anos 1940. Além da pesquisa, os objetos são provenientes de coleta, compra e doações originais nas diversas regiões do Brasil.

O conjunto desses objetos, que constituem o acervo do MAE, está subdividido em quatro grandes coleções: Arqueologia, Cultura Popular, Etnologia e Documentação Sonora, Visual e Textual.

### **3.2 Ação Educativa**

Trabalhando com as coleções base do museu, Arqueologia, Etnologia e Cultura e Patrimônio, o MAE possui um Setor Educativo que desenvolve jogos e atividades lúdicas para serem aplicados em suas sedes ou em instituições de ensino, e trabalha conjuntamente com as demais unidades museais, na pesquisa e elaboração de métodos e materiais capazes de estabelecer um canal de comunicação efetivo entre o museu e o seu público alvo, majoritariamente composto por estudantes do ensino fundamental e médio.

Este setor teve seu início atrelado ao desenvolvimento de *Kits Didáticos*, que consistia na elaboração de caixas temáticas contendo peças do acervo, textos de apoio e atividades para serem aplicados em sala de aula por professores, educadores, como ferramenta de apoio para apresentação de conteúdos do currículo escolar. Este projeto teve continuidade e hoje é conhecido como as *Caixas Didáticas do MAE*.

### 3.2.1 Caixas Didáticas e outros materiais do MAE

O marco do projeto lúdico-pedagógico denominado *Caixas Didáticas do MAE* foi o patrocínio concedido ao Museu no ano de 2008, através do *Programa Monumenta* da UNESCO, com o projeto dos *Kits Didáticos*.

A perspectiva deste programa foi implementar um conjunto de ações educativas destinadas à manutenção da interface entre o museu e seu público alvo predominante: alunos do ensino fundamental e médio da rede de ensino pública e particular dos municípios de Curitiba e Paranaguá, garantindo seu acesso aos conteúdos das coleções museológicas, já que o prédio histórico do MAE em Paranaguá estava fechado para restauro e a Sala Didático-Expositiva do museu em Curitiba estava em processo de construção.

Encerrado o financiamento da UNESCO, a equipe de pesquisadores e educadores do museu avaliou a experiência com as caixas didáticas, verificando que a abrangência dessa ação extrapolava o âmbito do *Programa Monumenta*, decidindo-se pela continuidade do projeto de forma independente.

Surgia assim, de forma institucional o Setor de Ações Educativas e Inclusivas do MAE/UFPR, cujo carro-chefe é, ainda hoje, a produção das Caixas Didáticas, projeto que foi selecionado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), do Paraná para concorrer nacionalmente ao Prêmio Rodrigo Mello e Franco no ano de 2009, e foi um dos 10 vencedores da edição 2010 do Prêmio Darcy Ribeiro.

De acordo com entrevista concedida pela antropóloga Andréia Baia Prestes (atual coordenadora e uma das idealizadoras do setor em Curitiba), diversas pessoas contribuíram na viabilização do projeto que originou as “*Caixinhas do MAE*” no ano de 2008;

[...] muitas delas não estão hoje no museu, pelos motivos mais diversos; outras se agregaram à equipe, dando sustentação, atualizando, ampliando e enriquecendo o projeto, que, sem dúvida, apontamos como o marco inicial do Setor de Ações Educativas, criado institucionalmente no ano de 2010. Atualmente, continuamos desenvolvendo esta ação, com a colaboração dos pesquisadores das áreas científicas do museu, que tem trabalhado no desenvolvimento desta e outras ações, pois temos como objetivo estabelecer um caminho de diálogo e troca com o seu público e a comunidade circundante.

A idealização do projeto das Caixas Didáticas partiu do pressuposto de que:

[...] um museu deve garantir a fruição do patrimônio sob sua guarda, bem como ampliar o acesso à arte e ao conhecimento; para isso, é necessário que o acervo alcance o público e propicie maneiras de explorar perceptualmente os conteúdos (Andréia Baia Prestes)

Para a escolha dos materiais que iriam constituir estas Caixas, a coordenadora informou que:

[...] a escolha dos materiais foi uma tarefa delicada, pois diversos objetos possuem características únicas ou são demasiadamente frágeis, necessitando então de uma análise mais aprofundada do acervo disponível e também da aquisição ou fabricação de réplicas.

Com a escolha dos materiais constituintes da caixa, a equipe elabora textos explicativos, para que os usuários tenham o mínimo de conhecimento sobre os objetos, além da elaboração de atividades (para diferentes faixas etárias) que ajudam no entendimento do assunto trabalhado.



Figura 1 – Caixa Paraná.  
Fonte: Acervo do MAE.

Um exemplo pode ser visto na Figura 1, que representa a Caixa Paraná, que conta com diversos elementos culturais do Estado. A caixa possui réplicas de objetos como a peneira e a panela de barro, animais de origem

indígena (talhados em madeira), objetos que representam o Fandango (dança típica) e o boneco adaptado pela equipe (Rei Congo – elemento chave da Festa da Congada na Lapa). Além de textos explicativos e atividades, como a fabricação do Toy Art – Rei Congo.

O Museu atualmente conta com 8 caixas, semelhantes como a exemplificada acima, mas com temáticas diferentes - Alimento, “Nos Tempos da Vovó” (Cultura Popular), Arqueologia, Adornos, Padrões de Beleza, Brinquedos Populares, Paraná, Música -, além de duas que estão sendo produzidas (Gênero e Trabalho e Diversidade Religiosa). Estas *Caixas* podem ser emprestadas gratuitamente, mediante uma reserva antecipada, e o tempo para permanência com o material é de uma semana (7 dias). O transporte e cuidados específicos ficam sob responsabilidade do locatário. Todas as *caixas didáticas* possuem textos de apoio ao professor, catálogo explicativo das peças e sugestões de atividades.

A equipe do MAE desenvolve estas “caixas” com o intuito de aproximar o público em geral aos conteúdos apresentados pelo museu, além também de favorecer o resgate cultural e histórico, como por exemplo, o material desenvolvido para a criação de um CD de contos indígenas e da cultura popular, que foi gravado por contadores de histórias profissionais, e, mais recentemente estas histórias foram reunidas em um livro ilustrado, intitulado “Assim Vivem os Homens - Vol I – Contos indígenas e Narrativas Tradicionais”.

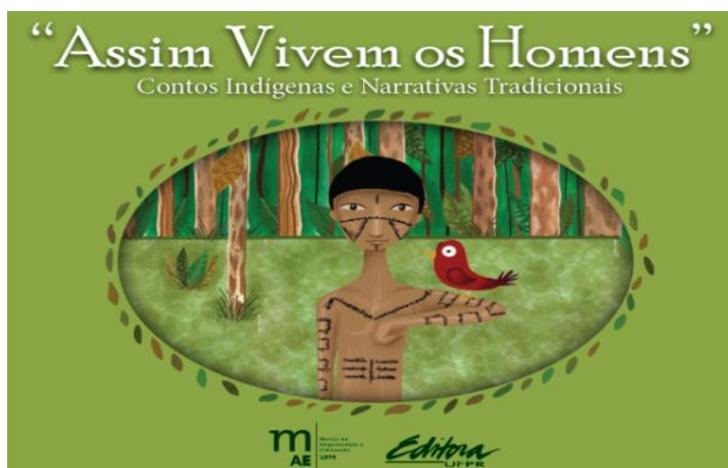


Figura 2 – Contos Indígenas e Narrativas Tradicionais.  
Fonte: Acervo do MAE.

Conforme informações concedidas pela coordenadora Andréia:

[...] este projeto (dos livros) teve uma aceitação muito boa pelas escolas e pelo público em geral, e no início do segundo semestre deste ano (2014) foi lançado o “Assim Vivem os Homens – Vol II – Contos Africanos”.

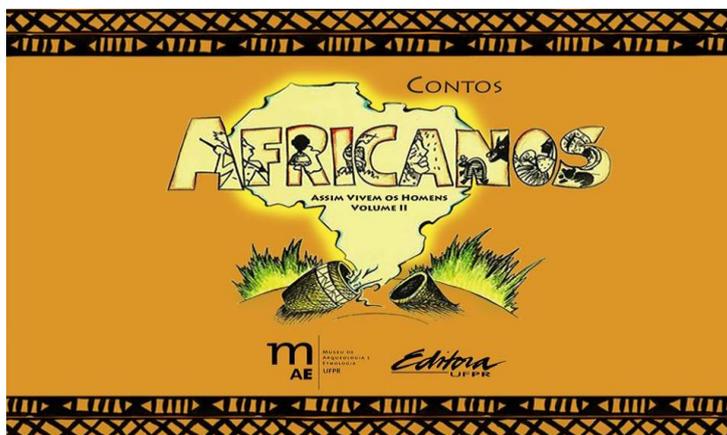


Figura 3 – Contos Africanos.  
Fonte: Acervo do MAE.

Segundo a coordenadora outros projetos iniciados a partir das Caixas Didáticas foram desenvolvidos ou estão em desenvolvimento pelo MAE, dos quais: o “Arqueojogo”, um jogo onde crianças e adolescentes podem aprender sobre o trabalho do arqueólogo e conhecer um pouco mais sobre o patrimônio arqueológico brasileiro. Pensando em um material que fosse atrativo para os adolescentes, jovens e adultos, o MAE desenvolveu o “Jagueté – O Encontro” (Figura 4), que é um jogo de RPG ambientado na época do “descobrimento” e que tem por objetivo situar o contato com os *conquistadores brancos* desde a perspectiva dos indígenas.



Figura 4 – Jogo de RPG, desenvolvido pela equipe MAE. Fonte: Acervo MAE.

Um dos principais pontos das ações educativas do MAE é a preocupação em “levar o museu para todos”, e as Caixas Didáticas puderam ser exploradas por crianças e jovens com deficiências neuro-motoras (Figura 6), por crianças cegas (Figura 5), além de ter visitado espaços tais como escolas em Assentamentos do MST e em aldeias indígenas do Paraná, pois como afirma a antropóloga Andréia Baia Prestes:

[...] o fato de se constituir em um produto que vai ao encontro de seu público, aliado à possibilidade de explorar os objetos através do tato, bem como a utilização de outros suportes de comunicação além da escrita, torna o kit didático um material inclusivo por excelência. Esta interface torna acessível a crianças e adolescentes que, por limitações físicas, sociais ou espaciais talvez não pudessem ter de outro modo um contato com o conteúdo museológico que temos disponíveis.



Figura 5 - Visita do Instituto Paranaense de Cegos  
Fonte: Diele Pedrosos. Projeto “Ver com as mãos”.



Figura 6 - Visita de jovens com deficiência neuro-motoras.  
Fonte: Acervo do MAE.

### 3.3 Sala Didático-Expositiva do MAE

No ano de 2009, foi inaugurada a Sala Didática-Expositiva (SD), que se localiza no subsolo do Prédio Histórico da UFPR, na cidade de Curitiba. Este espaço se destina à visitação do público em geral e também às praticas das ações educativas, e está dividido entre os três temas de referência do museu: Etnologia, Cultura e Patrimônio, com foco para a cultura paranaense e Arqueologia. Seu funcionamento ocorre de segunda a sexta, das 09hs às 12hs e das 13hs às 18hs.



Figura 7 – Visão dos espaços da Sala – Etnologia, Arqueologia e Cultura e Patrmônio.  
Fonte: Acervo do MAE.

A Sala Didático-Expositiva está aberta para a visitação do público em geral, mas seu espaço foi pensado para receber principalmente o público escolar que não tem “condições” de visitar a sede do Museu em Paranaguá. Neste espaço, os interessados podem realizar visitas guiadas (pré-agendadas) com auxílio de monitoria que apresenta o conteúdo expositivo. Além disso, há uma sala anexa, que é exclusiva para a realização das oficinas lúdico-pedagógicas, com temas que procuram dialogar e aproximar a exposição dos visitantes.

As atividades que são desenvolvidas pela equipe da Sala Didática, durante as visitas agendadas das escolas são divididas em duas etapas: a visita guiada e uma oficina temática. O tema das oficinas depende de alguns fatores como: idade dos alunos, tema escolhido previamente pelos professores

ou característica específica do grupo (por exemplo, grupo de pessoas com deficiência visual).

Esta atividade conjunta (visita guiada + oficina), juntamente com as outras ações do MAE, tem como intuito:

[...] implementar um conjunto de ações educativas destinadas à manutenção da interface entre o museu e seu público alvo predominante: alunos do ensino fundamental e médio da rede de ensino pública e particular dos municípios de Curitiba e Paranaguá, garantindo seu acesso, contato direto aos conteúdos das coleções museológicas. (Andréia Baia Prestes)

As visitas guiadas e oficinas são realizadas pelos bolsistas da Ação Educativa, sendo que estas monitorias precisam ser agendadas com uma semana de antecedência. As ações (visita + oficina) ocorrem simultaneamente, pois geralmente as turmas são divididas em dois grupos.

No geral, o Museu de Arqueologia e Etnologia, conta atualmente com uma equipe multidisciplinar, entre 17 professores e técnicos na Reserva Técnica, e com aproximadamente 48 bolsistas, distribuídos entre diversos projetos de extensão.

A equipe do Museu, que é responsável pelas Ações Educativas e Inclusivas, trabalha diariamente na Sala Didático-Expositiva é composta, atualmente, pela coordenadora Andréia Baia Prestes e por 13 bolsistas de diferentes áreas (História, Ciências Sociais, Artes e Educação), onde todos os projetos desenvolvidos por esta equipe são resguardados pela equipe da Reserva Técnica.

#### 4. OBSERVAÇÕES

Durante o mês de agosto, foram feitas conversas com os alunos visitantes, de maneira informal e observações das práticas realizadas pelos monitores, a cinco escolas.

As escolas eram todas da rede municipal de Curitiba (devido ao projeto “MAE vai a Escola”), sendo três turmas de 3º ano (idade média de 8 a 10 anos) e duas de 5º (com idade de 10 até 15 anos). Nas observações, buscava-se identificar quais eram os procedimentos realizados, qual o roteiro, a linguagem utilizada pelos monitores, o tempo de monitoria, se havia interação entre os monitores e os alunos, se estes estavam preparados para as perguntas e dúvidas, se os alunos vinham com um conhecimento prévio, ou com alguma “tarefa” a ser realizada durante ou posteriormente à visita, qual a temática abordada nas oficinas, seu intuito e aproveitamento por parte dos alunos.

As escolas observadas fizeram as visitas pelo período da manhã, onde a chegada dos alunos ocorreu em entorno das 09hs às 09hs e meia. Logo em seguida dois bolsistas os recepcionava.

O início das atividades se dava com a divisão das turmas, pois como a média era de aproximadamente 30 alunos, os monitores pediam aos professores que dividissem as turmas em dois grupos misto, por uma questão de limitação do espaço e também para que todos pudessem visualizar os expositores de maneira igualitária durante a explanação. Um grupo iniciava com a visita guiada, enquanto o outro começava com a oficina temática. Cada grupo era acompanhado por um bolsista do MAE e por um professor responsável da escola.

## 4.1 Visita guiada

A visita guiada se inicia com uma apresentação geral do MAE, mostrando que a Sala Didático-Expositiva é uma extensão do Museu “principal” que se localiza em Paranaguá.

A monitoria, ou seja a visita, segue um roteiro, um percurso já pré estabelecido, iniciando na etnologia, seguindo para cultura e patrimônio e finalizando com a arqueologia, com duração total de aproximadamente 50 minutos. Nas observações realizadas os monitores que acompanharam os alunos, eram bolsistas extensão dos cursos de História e Artes Visuais.

Dentre todas as observações realizadas nos cinco dias, o roteiro, a ordem dos temas abordados ao longo do circuito pelos monitores foram bem parecido. A linguagem utilizada era adequada (adaptada) a idade dos alunos, trazendo como exemplos fatos do cotidiano e sempre, os monitores, interagem com os alunos, fazendo e respondendo perguntas, como por exemplo:

- Este aqui (“botoque”) é igual aquele que os Botocudos usam? A gente viu lá naquele vídeo. (aluno 3º ano);
- Estas penas são de verdade? Eles precisaram matar o Beija-flor para fazer? (aluno de 3º ano)
- Estas flechas tem veneno de verdade? Como que faz este veneno? (aluno de 5º ano);
- Quais são as etnias indígenas que habitam o Estado do Paraná? (monitor).

Esta última pergunta foi feita para todos os grupos observados, três dos cinco grupos souberam responder rapidamente, e os outros dois responderam parcialmente.

A maioria das indagações feitas pelos alunos foram na área da etnologia, mostrando, possivelmente, que a temática indígena estava sendo trabalhada pelos professores na escola. Outro fator também observado em todas as cinco turmas, foi que os alunos não mostravam estar preocupados com um possível trabalho a ser realizado posteriormente à visita, nenhum aluno anotou informações ao longo da visita, ver Figura 8. Muitos pediram para tirar fotografias, mas estas fotos se caracterizaram mais com caráter turístico.



Figura 8 - Alunos observando o expositor Indígenas do Paraná.  
Fonte: Acervo do MAE.

Na área de Cultura popular, sempre havia alguma inferência ao fato de algum familiar possuir algum objeto similar (tear, utensílios de pesca, vasilhames de barro), e o setor de arqueologia, também despertou a curiosidade, fazendo com que algumas crianças perguntassem se “o arqueólogo também acha dinossauro?”. Pergunta esta que foi respondida prontamente, esclarecendo que arqueologia é diferente de paleontologia, e mostrando de maneira simples o trabalho e peças encontradas pelos arqueólogos.

No expositor das cerâmicas (arqueologia), há duas estruturas maiores (canto esquerdo da Figura 9), que foram encontradas com restos mortais dentro, indicando também o uso funerário. O monitor então iniciou a conversa neste setor perguntando o que os alunos achavam que eram aqueles dois objetos maiores. A grande maioria respondeu como sendo armazenadores de alimentos, de água, que eram *panelas gigantes*, ou até mesmo que servia pra tomar banho.

Quando descobriram a verdadeira função, veio a principal pergunta:

- Como que eles colocavam os mortos ali dentro? (aluno de 3ºano)
- E eles enterravam como? (aluno de 5º ano)
- Lá na aldeia também tem cemitério? (aluno de 5º ano)

Sendo então explicado um pouco das tradições de alguns grupos indígenas, mostrando que há diversas formas de sepultamento, como por exemplo a que nós conhecemos, que alguns grupos também possuem os seus “cemitérios” ou até mesmo outros processos como as múmias. Outra informação trazida e explicada pelo monitor e que chamou a atenção dos alunos, foi a idade de algumas peças ( $\pm$  2.500 anos, a peça maior ao fundo, Figura 9), fazendo com que alguns perguntassem:

- Nossa tudo isso! É muito velha! (aluno de 5º ano)
- Como que ainda tá inteira? (aluno de 5º ano)
- Eles acharam assim (inteira)? (aluno de 5º ano)



Figura 9 – Expositor das cerâmicas, dentre elas as urnas funerárias.  
Fonte: Acervo do MAE.

## 4.2 Oficinas

Nas oficinas realizadas com as cinco turmas observadas, duas foram com o tema cerâmica, e as outras três com a temática dos adornos. As oficinas ocorrem conjuntamente com as visitas guiadas, ou seja, enquanto metade da turma está fazendo o circuito com os monitores, a outra metade está em outro espaço realizando atividades lúdicas com outros monitores.

As oficinas de cerâmica foram realizadas com duas turmas de 3º ano, onde no início foram apresentadas peças de cerâmica do acervo manipulável (bonecas Karajas, utensílios indígenas, miniaturas de panelas) onde as crianças puderam pegar, observar com “os olhos da mão”. Após foram distribuídas pequenas porções de argila, para que criassem o que quisessem.

Muitas crianças, quando perguntadas o porque de tal “escultura”, muitas diziam que tentaram fazer a peça que tinham “*achado mais legal*”, “*era a mais bonita do museu*”. Cerca de 80% das peças que as crianças produziram (Figura 11) eram derivadas de peças da etnologia (vasilhames Wauja) (Figura 101).



Figura 11 – Objetos Wauja, vistos na exposição.  
Fonte: Acervo do MAE.



Figura 11 – Escultura desenvolvida pelos alunos, inspirada nas cerâmicas Wauja.  
Fonte: Acervo do MAE

Já nas oficinas com temática de adornos, peças indígenas foram apresentadas, mostrando os diversos objetos, materiais utilizados e seus respectivos significados, como no caso dos cintos exclusivos femininos, ou brincos masculinos, pulseiras feitas com miçangas e por sementes, pinturas corporais que são utilizadas em momentos de caça, pesca, ou festividades.

Para esta oficina, foram distribuídas bandejas contendo, fios de nylon e miçangas coloridas, para que os alunos pudessem fazer seus colares, pulseiras, braceletes. Neste momento a bolsista que acompanhava a oficina, destacou que a utilização de miçangas está crescendo por parte de alguns grupos indígenas, por causa da escassez de algumas sementes, penas, devido

ao desmatamento ou por se tratar de espécies (fauna e flora) que estão protegidos (ameaça de extinção).



Figura 12 – Alunos durante a execução da oficina, juntamente com a professora responsável.  
Fonte: Acervo do MAE.

Em uma das turmas observadas, os alunos começaram a criar seus adornos (Figura 12), até que uma das alunas perguntou se não poderia fazer um brinco. A bolsista juntamente com a autorização da professora responsável, perguntou se ela não tinha alergia, e autorizaram a “brincadeira”, por que logo todas as meninas também estavam fazendo pares de brincos para “combinar” com as pulseiras e anéis (Figura 13).



Figura 13 – Brinco, resultado da oficina.  
FONTE: Acervo do MAE.

No final da oficina, a bolsista conversou um pouco a respeito das pinturas corporais que diversos grupos indígenas utilizam, mostrando como exemplo as bonecas (Figura 14), feitas pela coordenadora Andreia Baia Prestes, que demonstra tais adornos e pinturas.



Figura 14 – Bonecas representando algumas etnias indígenas e suas pinturas e adornos corporais.  
FONTE: Acervo do MAE.

Para ilustrar um pouco destas pinturas, a bolsista responsável mostrou aos alunos alguns carimbos, que possuíam algumas destas pinturas representadas, falando um pouco sobre qual etnia pertencia, sua característica e significado. Os alunos escolheram dois modelos, e finalizaram as oficinas “tatuados”. (ver Figura 15).

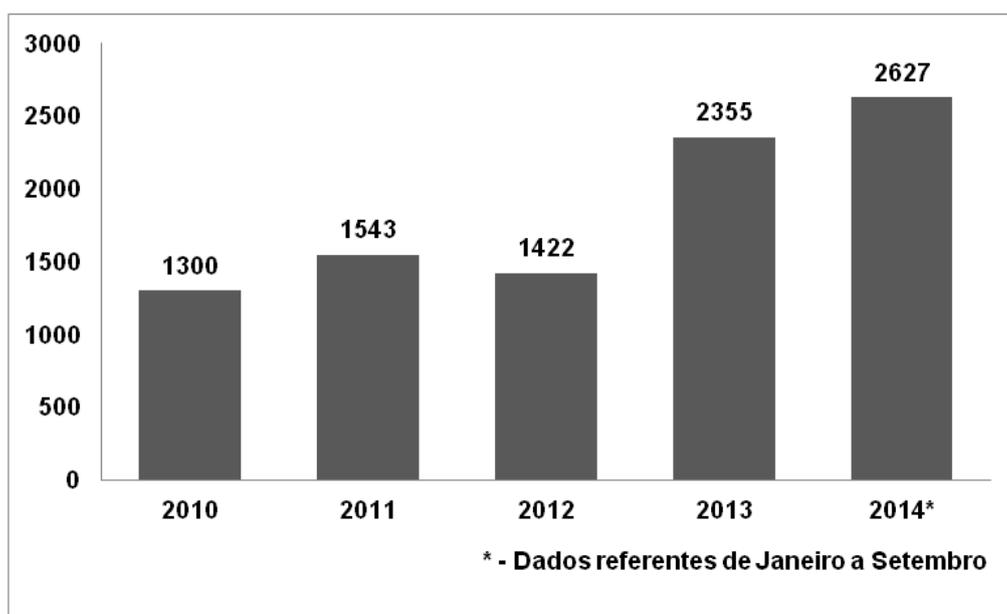


Figura 15 - Carimbos imitando pinturas corporais, e os adornos (pulseira) produzidos.  
Fonte: Acervo do MAE.

## 5. REFLEXÕES

A Sala Didático-Expositiva do MAE é um espaço que vem recebendo visitas de públicos diversos. De acordo com informações coletadas a partir da análise dos livros de visita e de dados armazenados pelo fiscal de acesso (Sr. Francisco Eusio Romildo), e posteriormente trabalhados pela autora, o números de visitantes em geral, desde a sua inauguração, vem aumentando (ver Gráfico 1), no início dos registros, em 2010 contou com a visita de 1.300 pessoas, em 2013 houve 2.355 visitas, e este ano, até o mês de setembro já ocorreram 2.627 visitas, um aumento de 102%.

**Gráfico 1** - Total de Visitas, de 2010 a 2014\*.



Fonte: Banco de dados do MAE. Modificado pela autora.

O espaço da Sala Didático-Expositiva foi pensada para atender prioritariamente o público escolar, entretanto vem atraindo também o público em geral, como pode ser visto no Gráfico 2, onde em 2010 - 70% das visitas eram caracterizadas como sendo Visitas Agendadas, 29% de visitantes Nacionais e 1% de visitantes Internacionais, o que foi mudando ao longo dos anos, como observado no Gráfico 3, que considera os dados totais de 2010 até setembro de 2014, mostrando que já foram atendidos cerca de 9.300 pessoas,

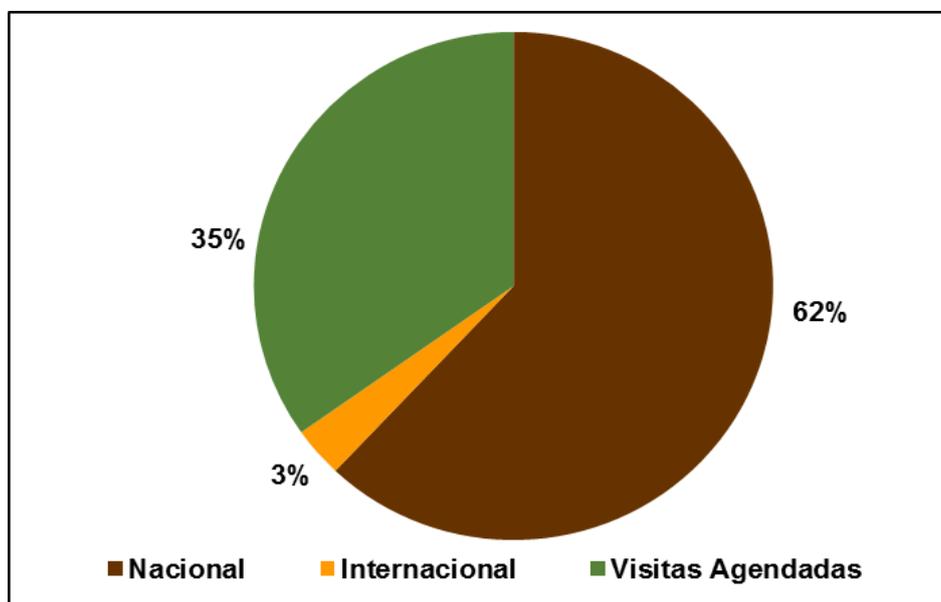
onde 62% eram Visitantes Nacionais, 35% de Visitas Agendadas e 3% de Visitantes Internacionais.

**Gráfico 2 -** Nº de visitantes de acordo com as categorias.



Fonte: Banco de dados do MAE. Modificado pela autora.

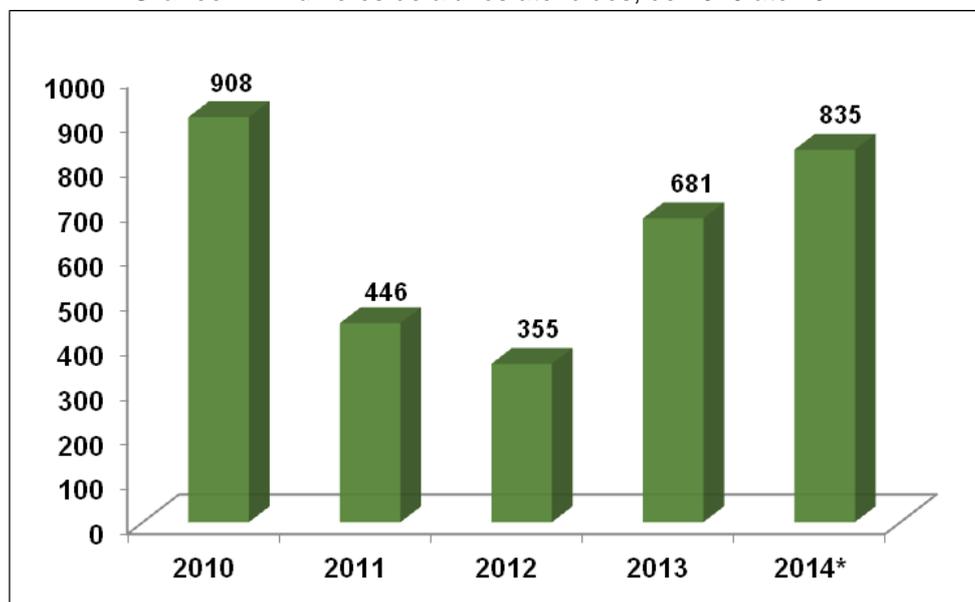
**Gráfico 3 –** Dados totais de 2010 a 2014, das visitas.



Fonte: Banco de dados do MAE. Modificado pela autora.

Já quando vemos somente os dados referentes ao número de alunos atendidos – através das visitas agendadas (ver Gráfico 4), é perceptível uma oscilação ao longo dos anos. Os anos de 2010 e 2014<sup>4</sup> mostram uma maior visitação, isto se deve, conforme registros do livro de visitas, a uma parceria entre o Museu, a Secretária Municipal de Curitiba - SME, conjuntamente com o curso de formação continuada dos professores da rede municipal. Onde os professores fazem cursos dentro da temática e posteriormente agendam uma visita com seus alunos à Sala Didática.

**Gráfico 4** – Números de alunos atendidos, de 2010 até 2014.



Fonte: Banco de dados do MAE. Modificado pela autora.

Conforme informações coletadas na Sala Didática, com o fiscal de acesso (profissional terceirizado), de um ano para outro não há como prever qual será o número de escolas que iram agendar as visitas, mas a partir de 2013 algumas escolas, de acordo com o fiscal "*umas cinco escolas*" já incluíram a visita ao MAE em seu calendário anual de atividades, fazendo com que o número comece a se tornar constante, podendo aumentar conforme o espaço vai sendo divulgado.

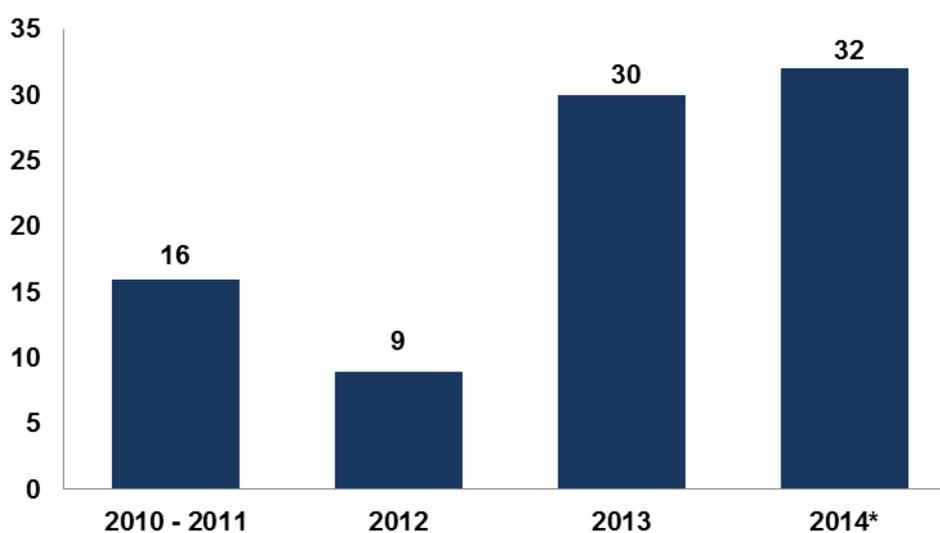
<sup>4</sup> Dados referentes ao mês de Janeiro até Setembro de 2014.

Além das visitas agendadas, uma das formas de aproximar o público do material produzido e fornecido pelo MAE são as *Caixas didáticas*, que conforme já apresentado em seções anteriores, tem como objetivo principal levar as "peças e os conhecimentos para além dos muros do Museu".

Um dos pontos observados foi que as Caixas Didáticas, ainda são pouco conhecidas dentro do ambiente escolar, pois de acordo com o número de empréstimos cadastrados na Sala Didática, os anos de 2013 e 2014 que obtiveram maior procura (cerca de 32 empréstimos até setembro de 2014), se comparados aos anos anteriores (ver Gráfico 5), estes dados corroboram com as informações coletadas com uma professora da Rede Municipal de Curitiba, pois ela afirmou que só soube do projeto do MAE porque participou da formação oferecida pela SME, e quando comentou com outras professoras da escola em que trabalha, nenhuma delas sabia da existência, nem mesmo a direção e equipe pedagógica.

Outro fator, que possivelmente contribuiu para a baixa procura, é apontado pela professora como sendo a dificuldade de transporte do material, pois é uma caixa volumosa, que dificilmente ela conseguiria levar no transporte coletivo.

**Gráfico 5 – Total por ano de empréstimo das Caixas Didáticas.**



\* - Dados referentes de Janeiro a Setembro

Fonte: Dados coletados no MAE. Modificado pela autora.

O empréstimo se dá de maneira simples e gratuita, necessitando que o professor ou interessado, confirme a disponibilidade, retire o material mediante uma ficha de responsabilidade, e devolva no prazo de até sete dias.

As *Caixas Didáticas* possuem além do material base (peças, textos explicativos e sugestão de atividades), uma ficha de avaliação contendo 28 questões, perguntando à respeito do Professor, Contato com o MAE, Caixa didática, Atividades, Escola, Alunos e Parte Prática. São questões simples, algumas discursivas e outras de múltiplas alternativas, tais como: *Quanto tempo é professor?, Já havia trabalhado com material semelhante?, Você acha que o tempo de disponibilidade da Caixa é excessivo/adequado/pouco, Você diria que a resposta dos alunos ao material foi positiva ou negativa?, Você teve alguma dificuldade em trabalhar com o material? Sugestões e reclamações.*

Partindo destas fichas, neste trabalho, foram coletadas 06 fichas de avaliação com o intuito de verificar o trabalho realizado em sala e se qual a devolutiva por parte dos professores. Estas 06 fichas foram selecionadas, pois foram as Caixas emprestadas durante os dias de observações das práticas (visitas e oficinas) na Sala Didática no mês de Agosto.

Das 06 fichas, 05 foram respondidas por professores da Rede Municipal de Curitiba que trabalham com turmas de 1º ao 5º ano, e 01 ficha foi respondida por um estagiário do Curso de Ciências Sociais, que aplicou o material para alunos do 1º ano do Ensino Médio da Rede Estadual.

Das professoras municipais, todas haviam emprestado as Caixas devido ao projeto "MAE vai à escola", mas os empréstimos se deram posteriormente à visita dos alunos à Sala Didática. Já ao outro empréstimo, o estagiário soube do material através dos bolsistas do PIBID da área de Ciências Sociais.

Analisando as fichas, observou-se uma similaridade nas respostas, principalmente quando perguntados sobre o tempo em que ficaram com as caixas, pois 03 consideraram o tempo curto e as outras 03 consideraram adequado, mas fizeram sugestões para que o período fosse estendido para duas semanas. Outro fator que também foi unanime se refere ao transporte, ou melhor dizendo a falta de apoio (Escola, SME) para o transporte, tanto da Caixa quanto dos alunos para a visita à Sala Didática.

Quanto à resposta dos alunos ao uso do material, todos classificaram como positiva, sendo que uma professora relatou que os alunos gostaram de "ver as peças que fizeram parte da história de suas vidas" (fala do aluno), outra turma fez uma Feira do Conhecimento, onde os alunos pesquisaram e apresentaram as peças e os conhecimentos obtidos para outras turmas que não haviam trabalhado com a Caixa.

Para a Caixa que foi trabalhada no Ensino Médio a resposta também foi positiva tanto para os alunos que se envolveram nas discussões propostas e fizeram uma das atividades sugeridas em sala (tapioca), quanto para os professores que se envolveram (a Caixa Alimentos também foi utilizada rapidamente pelo professor de Artes para turmas do 2º ano).

De maneira geral, ao pensar sobre o espaço do MAE onde são realizadas as visitas guiadas, este é um ambiente bem iluminado, com expositores com altura acessível para as crianças, os mais altos podem ser perfeitamente observados por crianças de 4 e 5 anos, as legendas são simples, contendo somente o nome, portanto não há nenhuma explicação a respeito da função, material ou utilidade, necessitando assim da presença do monitor para responder questões mais específicas. Um fato interessante é que em todos os expositores e espaços do MAE há placas com informações dos objetos em braille, e o espaçamento entre um modulado e outro é amplo, possibilitando assim o acesso de pessoas cadeirantes, mas ainda há problemas estruturais e de acesso quando observamos o espaço da Universidade, ou seja, empecilhos existentes que envolvem estruturas do prédio e que de certa forma influenciam o acesso à Sala Didático-Expositiva.

Outro ponto observado e que merece uma breve reflexão é a respeito da proximidade que os visitantes e alunos têm nas oficinas ofertadas ou na escola (quando os professores emprestam as Caixas) com as peças do museu, peças estas que são originais ou réplicas, mas que foram previamente pensadas para que pudessem ser tocadas, manuseadas livremente, seja por crianças pequenas (peças que não oferecem perigo) ou por pessoas com necessidades especiais, como no caso das pessoas cegas ou com baixa visão, trazendo uma nova experiência para as visitas ao museu.

Esta prática desperta um maior interesse dos alunos, pois eles podem observar detalhes, texturas, sensações que durante a visita guiada, pelo fato dos expositores estarem protegidos por vidros, eles não conseguiram “ver”, assim como afirmam as autoras Leporo & Dominguez (2011), as pessoas e principalmente as crianças, ao visitarem um museu têm a possibilidade de vivenciar experiências sensíveis e diferenciadas da maioria das experiências cotidianas, onde:

Conhecer e reconhecer os diversos objetos do acervo expositivo (fotografias, esquemas, modelos tridimensionais, filmes, animais, objetos) pode trazer às crianças mais do que informação: a formação de um repertório, e não apenas imagético, mas sensível. Uma criança que é incentivada a ver, e a ver de maneira curiosa e crítica, terá possibilidades de olhar o mundo a partir de um outro lugar, na condição de um ser observador e inventivo. (TEIXEIRA, 2010, *apud* LEPORO & DOMINGUEZ, 2011, p.4)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus são locais de lazer, recreação, memória, mas principalmente são espaços, independentemente do seu conteúdo, de informação e de formação humana, fazendo com que a educação perpassse seus ambientes de maneira não formal, assim como afirmou Sturdart (2004), ao dizer que uma das funções centrais do museu é a educação, e que um de seus objetivos é oferecer possibilidades de aprendizados, informação, construção da cidadania e entendimento do que seja identidade.

As maneiras de se pensar um museu foram evoluindo ao longo dos tempos, saindo daquele ‘ambiente fúnebre’ que guardava “tudo que era velho”, para um ambiente formador, que tem seu espaço pensado, suas práticas planejadas, e que procuram cada vez mais entreter, aguçar a curiosidade, estimular interesses diversos, senso de observação, a criatividade, colaborando para o desenvolvimento do indivíduo, e principalmente das crianças e jovens como um todo.

Entretanto, quando observamos as pesquisas já realizadas por outros autores, a maioria dos museus que consegue desenvolver práticas com estes objetivos, são prioritariamente museus de ciência, onde há um maior aporte de equipamentos eletrônicos, que de certa forma atraem e entretêm o público.

Ao longo da pesquisa de campo, observou-se que as práticas realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná se constituem como iniciativas ainda pouco executadas no Brasil, pois a maioria dos pesquisadores da temática, afirmam que boa parte dos museus que possui Ações Educativas, estas se restringem à existências das visitas guiadas, realizadas por monitores e/ou educadores

No caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, as práticas e materiais desenvolvidos, foram pensados como instrumentos que auxiliam o professor/educador, seja em sala de aula, ou em outro ambiente de formação.

O projeto das Caixas Didáticas é um bom exemplo disso, pois qualquer pessoa interessada pode emprestar o material gratuitamente, sendo que este

já vem com uma descrição dos objetos e sugestões de atividades. Além do fato primordial, que a maioria das peças que compõem estas Caixas são peças originais, fazendo com que o aluno possa ter contato tátil, auditivo, olfativo com os objetos históricos, fazendo com que estas peças se constituam como fontes históricas, como por exemplo, a Caixa “Nos Tempos da Vovó” que trata de temas relacionados com a cultura popular. Esta caixa traz elementos que muitas vezes as crianças conhecem, mas que não relacionam com a história.

Esta Caixa pode servir de inspiração para que professores desenvolvam materiais semelhantes com seus alunos em sala de aula, pois poderá auxiliar no entendimento de conceitos históricos, como temporalidade, mudanças e permanências, semelhanças e diferenças entre os períodos históricos, além de aspectos gerais, tais como a ampliação de vocabulário e contato com termos “científicos”.

Por isso, que é fundamental que os museus possibilitem aos seus visitantes, principalmente às crianças o acesso direto às coleções, como mobiliários adequados, legendas acessíveis, com adaptação do espaço para receber todos os públicos (espaços pensados para pessoas com necessidades especiais), propostas de atividades lúdicas e criativas que levem em consideração os conhecimentos prévios do aluno/visitante e que estimulem sua imaginação, o acesso, de forma crítica e reflexiva, aos diferentes conhecimentos adquiridos; e a participação ativa, nas quais sua voz seja ouvida, para que favoreçam às crianças, desde bem pequenas, uma experiência enriquecedora nestes espaços educativos.

Outro ponto relevante, que merece ser mencionado, é a respeito da taxa de visitação da Sala Didático-Expositiva do MAE, que ao longo das análises, observou-se que a maior procura se deu quando a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba utilizou-se do espaço para a formação de seus professores, que posteriormente levaram seus alunos para conhecer. Esta ‘parceria’ também pode ser entendida como uma excelente ferramenta de divulgação do espaço e de seus materiais, pois conforme relatos de professoras, estas não conheciam o espaço nem as práticas educativas existentes, passando a utilizá-las, recomendá-las e até mesmo a reproduzi-las após o curso realizado pela SME.

Portanto o espaço de um museu, por menor que seja geralmente leva seu público a um conhecimento que nem sempre o ambiente escolar consegue ensinar, pois durante as visitas os alunos aprendem por meio da interação que se estabelece com os professores, com os monitores e também com os colegas, contando com a disposição de objetos e com a relação entre experiência e os seus conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

BRASIL. **Estatuto De Museus**, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

BRUNO, Cristina. **Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores de memória**. In: Saul Eduard S. Mildes (org). *As várias faces do patrimônio*. Santa Maria: Pallott, 2006.

COMPAGNONI, Almir Muncio. **“Em cada museu que a gente for carrega um pedaço dele”**: compreensão do pensamento histórico de crianças em ambiente de museu. Dissertação de Mestrado (em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. 134 p.

COSTA, Júlio César Virgínio. **O Ensino de História mediado pelo museu: tempos, conceitos e patrimônio**. XVIII Encontro Regional (Associação Nacional de História - MG), Julho de 2012.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médica, 2000.

GOUVÊA, Guaracira; VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibebe; MARANDINO, Martha. **Redes cotidianas de conhecimentos e os museus de ciência**. *Parcerias estratégicas*, Brasília, v.11. 2001, pp. 169-174

**ICOM – International Council of Museum. Statutes**. Paris, 1989. Disponível em: <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>> Acesso em 25/10/2014.

**IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus**. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>> Acesso em 25/10/2014.

ISZLAJI, Cynthia. **A criança nos museus de ciências: análise da exposição Mundo da Criança do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS**. Dissertação Mestrado USP, São Paulo, 2012. 256 p.

ISZLAJI, Cynthia; MARANDINO, Martha. **Levantamento das exposições e ações educativas realizadas para o público infantil nos museus brasileiros**.

XII Reunião Bienal da Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia da América Latina e do Caribe (REDPOP – UNESCO). 2011. 10 p.

LEPORO, Natalia.; DOMINGUEZ, Celli Rodrigues Chaves. **Alfabetização científica na educação infantil: quando os pequenos visitam o museu de ciências.** VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Campinas. 2011.

MARANDINO, Martha; GOUVÊA, Guaracira.; AMARAL, Daniela. Patti. **A ciência, o brincar e os espaços não formais de educação.** In: Alda Junqueira Marin; Aída Maria Monteiro Silva; Maria Inês Marcondes de Souza. (Org.). Situações Didáticas. 1 ed. Araraquara, 2003, p. 237-254.

MARTINS, Luciana Conrado (org.); NAVAS, Ana Maria; CONTIER, Djana; SOUZA, Maria Paula Correia. **Que público é esse? formação de públicos de museus e centros culturais.** 1 ed. São Paulo: Percebe, 2013.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, 2010, p. 143-154.

SANTOS, Núbia Agostinha Carvalho. **Museu e escola: uma experiência de mediação entre as crianças de educação infantil e o espaço museológico.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010, 245p.

SOTO, Alessandra Silva Correia. **Museu como espaço educativo: uma proposta metodológica para o Museu Oceanográfico UNIVALI.** Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVALI, Itajaí, 2008,103p.

STUDART, Denise Coelho. **Educação em museus: produto ou processo?** In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Vol. 1,n.1. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. p. 37-40

SUANO, Marlene. **O que é museu.** São Paulo: Brasiliense S. A, 1986.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, M. Lucia; DIAS, Monique. **Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências.** Rev. Ciência e Cultura. 2005, vol. 57, n.4, pp. 21-23.